



A luta pela liberdade nos rincões do Bananil

Será que a guerra é pela liberdade?

E aí, Elon Musk está se saindo bem na guerra cultural? Está engordando as trincheiras da luta pela liberdade? Devo avisar que as palavras a seguir não são para pessoas que caem em papo de bilionário do deep state americano.

A narrativa mitológica e infantilóide que sequestrou a consciência de incontáveis brasileiros é a da luta pela liberdade, como se o mundo vivesse um grande conflito entre tiranos e amantes da liberdade. Essa boçalidade que serve de régua para categorizar agentes políticos e econômicos não leva em consideração as complexidades do real, ignora tudo o que é necessário para um mínimo de civilidade e ordem social — fora o cultivo de um certo desprezo pela ordem institucional criada pelo ocidente cristão.

Dividir o mundo nessas categorias é uma falha típica de pessoas que irrefletidamente aderem às ideias de Karl Popper, pai dessa cosmovisão e do projeto de sociedade aberta. Crer que o mundo é dividido entre “autoritários coletivistas” e “liberais individualistas”, demanda o descarte

de tudo o que precede a ordem política moderna — não é coincidência a privação de historicidade nas obras de Popper. Para crer que os conflitos políticos podem ser reduzidos a isso, é preciso também pressupor que a ordem política gira em torno da criação de dispositivos de repressão e coerção coletiva — fazendo da política não a arte do governo, consenso e acordo, mas da tirania, covardia e repressão. Para enterrar de vez essa crendice mitológica — que mais parece a fórmula de uma fábula para assustar crianças, precisamos constatar que nenhuma das grandes forças políticas do mundo milita pela liberdade.

A suprema elite capitalista do Ocidente — os Morgans, os Rockefellers, Rothschild e *tutti quanti* — jamais moveu uma palha em favor do “liberalismo”. Ao contrário: tudo fez para promover três tipos de socialismo: o socialismo fabiano na Europa Ocidental e nos EUA, o socialismo

marxista na URSS, na Europa Oriental e na China e o bigodismo na Europa central. Gastou, nisso, rios de dinheiro. Criou o parque industrial soviético no tempo de Stálin, a indústria bélica do Führer e, mais recentemente, a potência econômico-militar da China. Nos conflitos entre os três socialismos, o fabiano saiu sempre ganhando, porque é o único que tem a seu serviço a tecnologia mais avançada, uma estratégia flexível para todas as situações e, melhor ainda, todo o tempo do mundo. O bigodismo, cumprida sua missão de liquidar as potências europeias e dividir o mundo entre a elite ocidental e o movimento comunista (precisamente segundo o plano de Stálin), foi jogado na lata do lixo da História.

O fabianismo nunca foi inimigo do socialismo marxista: adora-o e cultiva-o, porque a economia marxista, incapaz de progresso tecnológico, lhe garante mercados cativos, e também porque sempre considerou o comunismo um

instrumento da sua estratégia global. Os comunistas, é claro, respondem na mesma moeda, tentando usar o socialismo fabiano para seus próprios fins e infiltrando-se em todos os partidos socialistas democráticos do Ocidente. Os pontos de atrito inevitáveis são debitados na conta da “cobiça capitalista”, fortalecendo a autoridade moral dos comunistas ante os idiotas terceiro mundistas e, ao mesmo tempo, ajudando os fabianos a apertar os controles estatais sobre as economias do Ocidente, estrangulando o capitalismo a pretexto de salvá-lo. A finalidade do fabianismo é criar uma federação mundial de Estados nacionais doces ao capital internacional — objetivo que nasce do ímpeto de Cecil Rhodes, que pretendia federar todas as nações como colônias britânicas. Ao que parece os fatos tornam a narrativa de conflito entre tiranos e liberais algo utópico, até bobo de se acreditar. Mas é claro, Musk está lutando pela liberdade de expressão.